

## CINEMA *Ritos de Passagem*, segundo longa-metragem de animação do diretor baiano, mistura mitologia grega e cultura nordestina

# A trajetória do homem na versão de Chico Liberato

ADALBERTO MEIRELES

Jornalista e crítico de cinema

Assim que terminou *Boi Aruá*, em 1984, Chico Liberato e sua mulher, Alba, fizeram o argumento e alguns desenhos de *Ritos de Passagem*. Estavam prontos para consolidar o trabalho, em um estúdio próprio, fora do Rio de Janeiro e São Paulo. Seria o segundo longa-metragem de animação produzido na Bahia. Mas a Embrafilme foi fechada no início dos anos 90 e o projeto engavetado.

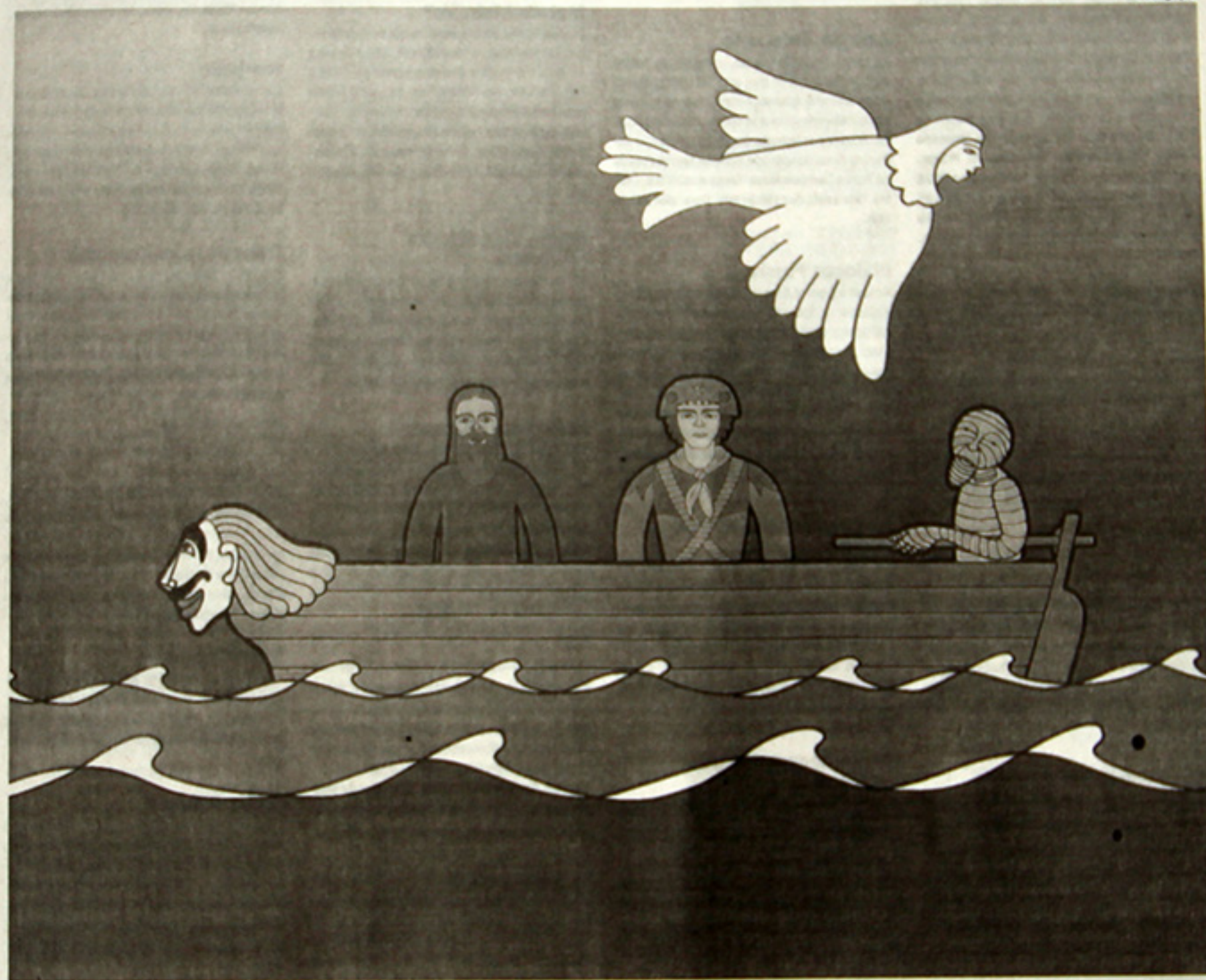
Mais de 20 anos depois, o projeto é retomado, em 2007, ao ser selecionado por edital do governo do estado.

Exibido em 2012 no *Anima Mundi*, no Festival do Rio, em Havana, no Rio Grande do Sul (Festival da Fronteira), *Panorama Coisa de Cinema* e *Mostra Festival Internacional de Cinema de Lisboa*, o filme foi totalmente concluído em 2013 e tem sua estreia em circuito comercial nesta quinta-feira, em Salvador e Aracaju.

Em *Ritos de Passagem*, o artista plástico e cineasta Chico Liberato recorre à mitologia grega para contar a história do Santo e do Guerreiro, personagens arquetípicos inspirados na vida de Antônio Conselheiro e Lampião. Eles pegam a barca de Caronte, lembram o passado, vão desafiando sua trajetória, desde o nascimento, às vistas do Anjo e do Demo, até a morte.

### Travessia

Caronte era o velho barqueiro responsável por conduzir as almas do mundo dos vivos para o mundo dos mortos. Para não ter que vagar pelas margens do rio, elas tinham que pagar pela travessia para ser enterradas. Por isso o costume, na Grécia antiga, de colocar uma moeda na boca dos mortos.



Personagens como Antonio Conselheiro e Lampião convivem com mitos como Creonte, que transporta a alma dos mortos em um barco

**O filme que aborda o universo do Santo e do Guerreiro estreia hoje em Salvador e em Aracaju**



Mila Cordeiro/ Ag. A TARDE

**“Quando eu pensei nesse cinema eu pensei em Glauber, em *Vidas Secas*, na caatinga”**

CHICO LIBERATO, cineasta

*Ritos de Passagem* apropria-se também do imaginário nordestino para descrever a sina do ser humano, bem identificado na representação do Santo e do Guerreiro.

Obra que paga tributo a Glauber Rocha e ao antológico *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, o filme de Chico Liberato é uma animação também centrada na cul-

tura popular, permeada por uma história de fé e luta – o eterno embate entre os fracos e oprimidos contra os poderosos, em sua busca pela liberdade, a conquista dos mínimos direitos em meio à caatinga, ao sol, à inclemência do sertão nordestino.

O próprio Chico Liberato admite o filme como uma reflexão sobre a trajetória do homem, “através da lembrança de seus ritos de passagem – nascimento, batismo, transição da juventude para a idade adulta, morte e transcendência”.

### A força de Glauber

Sobre Glauber, ele diz que foi a primeira pessoa que mostrou que é possível fazer cinema com a estética brasileira, do povo do Nordeste, o catingueiro, e destaca a força do cineasta baiano de Vitória da Conquista em conduzir essas histórias.

“Quando eu pensei nesse cinema eu não pensei em Disney, pensei no cinema brasileiro, em Glauber, em *Vidas Secas*, o mundo da caatinga com que me identifico”, afirma o cineasta.

“Acho que consegui fazer com o desenho animado uma coisa muito forte e representativa do povo nordestino”, considera Liberato.

Mas o que em Glauber se transformou em um verdadeira ópera cinematográfica, grandiloquente em sua essência, ao misturar reminiscências da Guerra de Canudos ao advento do cangaço, em *Ritos de Passagem* se configura em narrativa lírica simples, e, por que não dizer, uma hagiografia, tendo como elementos o Santo Conselheiro e Guerreiro Lampião em processo de reflexão sobre a existência e a vida na Terra.

RITOS DE PASSAGEM / DE CHICO LIBERATO / SALADEARTE - CINE VIVO /